



## **AUTOAVALIAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE SUA EFETIVIDADE E VALIDAÇÃO**

IZABEL CRISTINA BARBOSA DE OLIVEIRA

### **RESUMO**

O processo avaliativo vem passando por reflexões e mudanças há algum tempo. A avaliação tradicional tem o objetivo de julgar os estudantes e, consequentemente, aprová-los. Infelizmente boa parte dos docentes ainda perpetua práticas arcaicas, seguindo os modelos aprendidos em suas próprias experiências como estudantes, na qual a maioria dos professores que trabalha na escola foi socializada em uma determinada forma de pensar e de agir, cujo embasamento não é outro senão a experiência vivida como aluno. Atualmente, buscam-se diversas formas de avaliar o estudante, fugindo destes modelos tradicionais tão enraizados na práxis docente, na qual apresenta apenas a intenção de corrigir, penalizar, sancionar, qualificar. Por outro lado, acreditamos que a prática avaliativa deve constituir-se em um ato dinâmico, com natureza processual, ocorrendo de modo co-participado, assim, a autoavaliação seria uma maneira de perceber o nível de aprendizagem dos estudantes, rompendo com o modelo tradicional que vivenciamos. Para tanto, seguiremos a classificação psicológica de autonomia do estudante, na qual abrange as atitudes e capacidades que preparam os alunos a assumirem responsabilidade sobre sua aprendizagem. Desta maneira, a fim de que a autoavaliação seja verdadeiramente madura e consciente, acreditamos que o estudante também tenha que ser honesto e sensato neste processo. Nesta perspectiva, este trabalho teve por objetivos: investigar sobre a importância da autoavaliação discente; refletir sobre a efetividade da autoavaliação discente; e ponderar sobre o compromisso discente em seu processo de autoavaliação. Para o desenvolvimento deste trabalho, analisou-se 40 fichas de autoavaliação de três turmas de cursos técnicos-integrados de uma Instituição Federal de Ensino no Sertão Alagoano. Esta foi uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório.

**Palavras-chave:** Autoavaliação; Avaliação tradicional; Formação docente; Validação; Autonomia discente.

### **1 INTRODUÇÃO**

O processo de avaliação vem passando por diversas reflexões e mudanças. Diante dos atuais contextos de ensino-aprendizagem, estamos constantemente nos deparando com novas formas de avaliar, além do aspecto tradicional que ranqueia os estudantes e separam-nos em bons ou maus, os que aprenderam ou não aprenderam os conteúdos, os que devem passar de ano ou reprovar.

Neste contexto, vamos analisar e refletir sobre como o questionário de autoavaliação pode ou não ser utilizado como mais um método para avaliar o estudante em seu pleno desenvolvimento no âmbito escolar.

Consideramos que a aprendizagem é uma via de mão dupla na qual o professor está disposto a ensinar e o estudante está disposto a aprender, caso um destes atores não apresente interesse em desempenhar seu papel, a aprendizagem poderá ser comprometida em diversos níveis.

Nesta perspectiva, resolvemos aplicar um questionário de autoavaliação e comprar

com as observações docentes a fim de: investigar sobre a importância da autoavaliação discente; refletir sobre a efetividade da autoavaliação discente; e ponderar sobre o compromisso discente em seu processo de autoavaliação.

É fundamental ressaltar que o nível de maturidade e consciência de ambos, docente e discente, compromete tanto o desenvolvimento da aula, assim como o trabalho feito em sala no que se refere a sua dinâmica.

A formação docente primordial para que os estudantes possam se autoconhecer e aprender, no entanto, estudantes que não têm o objetivo de estudar e se aprimorar, não conseguem acompanhar o conteúdo, ou mesmo, acabam atrapalhando o rendimento da turma.

Por mais que o professor tente intervir no processo de aprendizagem a partir do ensino, é notável ressaltar que “assume-se que a autoavaliação é uma forma de regulação da aprendizagem por meio da própria ação do sujeito, ou seja, o aluno”, segundo Nora, Broietti e Correia (2021, p. 198).

Por isso, o diálogo constante entre família e escola é de extrema importância para que todas as arestas sejam sanadas e que os principais atores envolvidos em sala possam seguir na mesma direção.

## 2 MATERIAL E MÉTODO

Para o desenvolvimento deste trabalho, analisou-se 40 fichas de autoavaliação de três turmas de cursos técnicos-integrados de uma Instituição Federal de Ensino no Sertão Alagoano.

Este questionário foi aplicado no último bimestre após execução de diversos outros métodos, individuais e colaborativos, com: testes, trabalho, projetos, atividades em sala, participação em aula, para mencionar alguns.

Os estudantes puderam levar o questionário para casa e entregar após uma semana.

Esta foi uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório.

## 3 A AUTOAVALIAÇÃO EM SALA DE AULA – APORTE TEÓRICO

Acreditamos que a autoavaliação pode ser outra ferramenta de avaliação em sala, contudo, para sua efetivação, é necessário que o estudante tenha amadurecimento e criticidade para se autoavaliar. Uma vez que, sem essa consciência, a autoavaliação não passará de um simples questionário no qual todos os estudantes se pontuam com a nota máxima sem o mínimo de sensatez.

Concordamos com o provérbio chinês no qual expõe que “*teachers open the door, but you must enter by yourself*”, (cit. por Costa & Kallic, 2004, p.147), os professores abrem a porta, mas você mesmo deve entrar (tradução nossa), ou seja, nós docentes podemos nos empenhar ao máximo para desenvolvermos atividades instigantes, no entanto, caso o estudante não esteja disposto a aprender, todo nosso planejamento não servirá de absolutamente nada.

A autoavaliação apresenta-se como uma forma de romper com as avaliações tradicionais amplamente utilizadas nas instituições de ensino, que buscam mensurar quantitativamente o rendimento do estudante, ranqueando-o. Segundo Álvarez Mendez.

Na avaliação das aprendizagens, percebe-se tradicionalmente uma tendência em avaliar sempre com a intenção de corrigir, penalizar, sancionar, qualificar. Precisamos recuperar o sentido positivo da avaliação educativa e deparamo-nos com ela tomando-a como uma atividade que convida a continuar aprendendo. Precisamos acercar-nos dela com uma atitude construtiva e torná-la sempre, e em todos os casos, um modo de aprendizagem, uma parte da aprendizagem (2002, p. 64).

Apesar de as realidades sócio-econômicas serem distintas, embasamo-nos no Quadro

Europeu Comum de Referência das Línguas (o QECRL) no que se refere a autoavaliação, no qual aparece com um papel de realce “a autoavaliação pode ser um complemento eficaz dos testes e da avaliação do professor” ajudando “os aprendentes a apreciar os seus aspectos fortes, a reconhecer as suas fraquezas e a orientar a sua aprendizagem com maior eficácia”. (CONSELHO DA EUROPA, 2001, p.263).

Neste contexto, para que a autoavaliação possa ser considerada pelo docente como mais uma ferramenta avaliativa, é primordial que o estudante reconheça seu desenvolvimento como aprendiz a partir da crítica e da reflexão sincera e madura sobre seus fracassos, progressos e êxitos.

Abaixo, temos um ótimo quadro sobre pedagogia da dependência e pedagogia para autonomia, observações fundamentais que auxiliaram no estudo das respostas colhidas no questionário de autoavaliação.

Quadro 1 – Pedagogia da dependência X para autonomia

|                          | PEDAGOGIA DA DEPENDÊNCIA                                                                                                                                                                                                                                                     | PEDAGOGIA PARA AUTONOMIA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|--------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Pressupostos principais  | <ul style="list-style-type: none"><li>• O aluno é sujeito consumidor passivo do saber</li><li>• O professor é figura de autoridade social, científica e pedagógica, única fonte de saber, assumindo o papel de transmissor</li><li>• O saber é estático e absoluto</li></ul> | <ul style="list-style-type: none"><li>• O aluno é sujeito consumidor crítico e produtor crítico do saber</li><li>• O professor é facilitador da aprendizagem, mediador na relação aluno-saber, parceiro da negociação pedagógica</li><li>• O saber é dinâmico, transitório e diferenciado de sujeito para sujeito</li></ul>                                                                                                                                |
| Finalidades prioritárias | Desenvolver a competência académica do aluno, principalmente traduzida na aquisição de conhecimentos e no domínio de capacidades de tipo cognitivo                                                                                                                           | <ul style="list-style-type: none"><li>• Aproximar o aluno do saber e do processo de aprendizagem</li><li>• Ajudá-lo a aprender a aprender, desenvolver a capacidade de gerir a própria aprendizagem</li><li>• Encorajar a responsabilidade e a assunção de uma postura proactiva no processo de aprender</li><li>• Desenvolver uma perspetiva crítica da escola, do saber e da aprendizagem</li><li>• Promover a relação entre a escola e a vida</li></ul> |
|                          | Focalização nos processos de transmissão e nos conteúdos de aprendizagem<br>Clima potencialmente autoritário e formal<br>Processos dominados pelo professor, único decisor e avaliador                                                                                       | <ul style="list-style-type: none"><li>• Focalização nos processos de aprendizagem e no aluno, teorias, estilos, aprendizagens, necessidades, estratégias, hábitos, experiências anteriores, sistema apreciativo</li><li>• Clima tendencialmente democrático e informal</li></ul>                                                                                                                                                                           |

**Fonte:** Pedagogia da Dependência/Pedagogia para a Autonomia (VIEIRA, 1998, p.38)  
Concordamos plenamente com Silva, Bartholomeu e Claus (2007 apud MARXREITER, BRESOLIN, FREIRE), quando explica que a autoavaliação é um processo pelo qual um indivíduo, além de avaliar uma produção, uma ação, ou uma conduta da qual ele é o autor, também avalia suas capacidades, seus gostos, seu desempenho, suas competências e habilidades. Faz um julgamento com o objetivo de um melhor conhecimento pessoal, visando ao aperfeiçoamento de suas ações e ao seu desenvolvimento cognitivo. (2021, p. 6)

Diante disto, sem este autojulgamento crítico, maduro e sincero a autoavaliação não pode ser considerada, uma vez que não houve respostas fidedignas para serem elucubradas.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

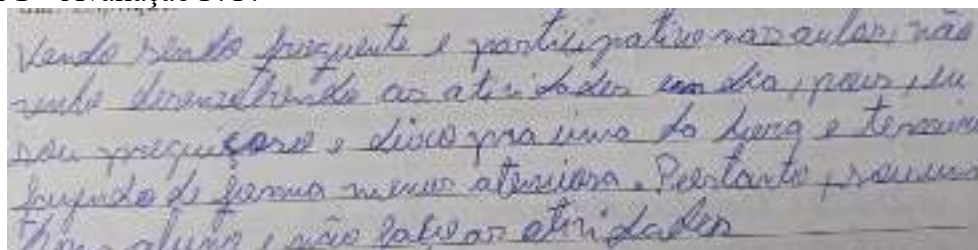
Percebeu-se que a maior parte dos estudantes ainda responderam de maneira geral o questionário de autoavaliação, não indicando maior criticidade sobre o seu compromisso e processo de aprendizagem. Poucos afirmaram ter tido dificuldades, falta de tempo para estudar e responder as atividades etc.

Também percebeu-se tons de “brincadeira” com relação à nota que foi obtida ao longo do ano, dando a ideia sobre o nível de maturidade do estudante. Ficou evidente que alguns estudantes avaliaram-se com a nota máxima, o que não condizia com sua vivência em sala, como conversas paralelas, excesso de faltas, falta de participação, além de não contextualizar os conteúdos estudados em sala em sua vida prática ou mesmo na sala de aula.

Esta discrepância demonstra o nível de imaturidade de alguns estudantes, levando-nos a questionar se a utilização dos questionários de autoavaliação deve ser realmente aproveitada como uma ferramenta de avaliação, ou deve ser visto/explorado mais como um processo de análise sobre nível de compromisso do estudante, ao invés de ser considerado como meio avaliativo efetivamente.

Na autoavaliação entregue vários tópicos foram indicados: estudos, participação, compromisso, respeito, assiduidade, organização, colaboração e o que os conhecimentos adquiridos influem em sua vida acadêmica e pessoal. Uma das perguntas feitas no questionário de autoavaliação, referia-se aos fatores assiduidade e participação em aula, ao final, pedia-se para que o estudante explicasse e refletisse sobre si mesmo nestes dois aspectos. Vejamos alguns exemplos:

**Imagem 1** – Avaliação F. P.

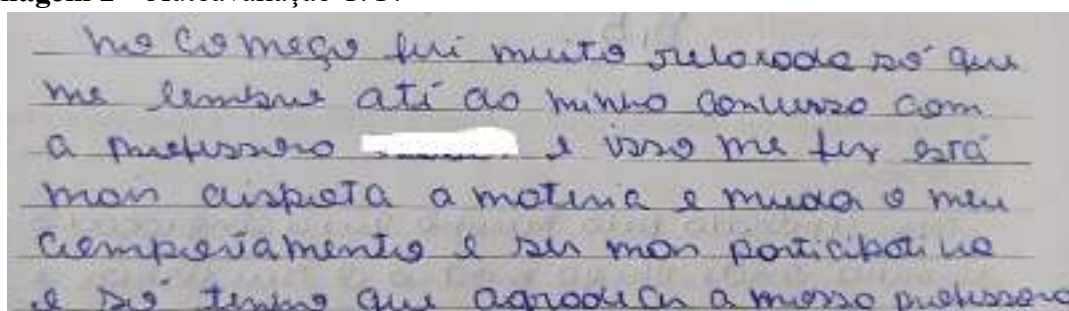


**Fonte:** Autoavaliação 3º ano Agroindústria – Vespertino

Na imagem 1 observamos a resposta de F. P. no qual é muito crítico e maduro sobre a sua participação e rendimento em sala. Comparando com as informações do professor e de sua autopontuação, que foi 7,0, o estudante realmente foi sincero sobre seu desempenho escolar.

Observou-se que sua análise está dentro os critérios observados sobre a Pedagogia para Autonomia, no quadro 1, no qual o estudante é visto como um indivíduo crítico e reflexivo, uma vez que relaciona de maneira coerente sua atuação e o “valor” de seu desempenho.

**Imagem 2** – Autoavaliação T. P.



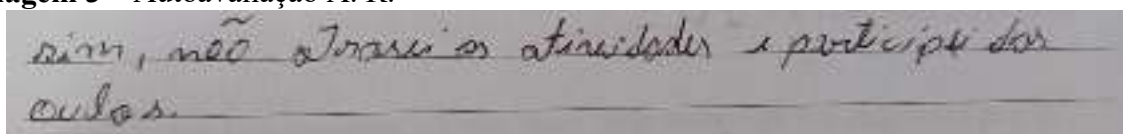
**Fonte:** Autoavaliação 3º ano Agroindústria – Vespertino

Na imagem 2, pode-se observar outro exemplo de uma autoavaliação consciente e coerente. A estudante atribuiu-se 8,5 e apresenta uma crítica sobre seu comportamento e conduta, que melhorou, após uma conversa com sua docente.

Neste contexto, observa-se a conduta do professor como uma pessoa que escuta, auxilia e encoraja o estudante, a fim de aprimorar-se em sua função: estudar. Novamente é possível perceber aspectos encontrados na Pedagogia para Autonomia.

Acreditamos que o desenvolvimento de um ambiente propício para estas dinâmicas: diálogo, reflexão, erros/acertos, mudança/redirecionamento de postura discente, tudo isto são agentes formadores para uma Pedagogia para Autonomia.

**Imagem 3** – Autoavaliação A. R.

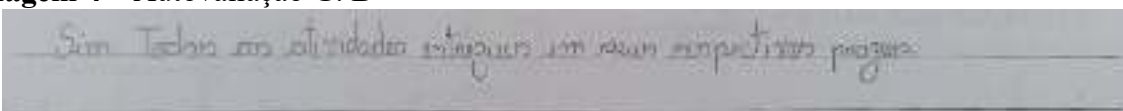


**Fonte:** Autoavaliação 3º ano Agroindústria – Matutino

Um exemplo de resposta geral e incoerente é encontrado na imagem 3, na qual o estudante A. R. responde (sem maiores explicações) e se autopontua com a nota 10. Ao comparar com as anotações e o rendimento do docente, o estudante não tinha participação nas aulas, apenas estava presente. E com relação às atividades, em alguns casos, observou-se que o estudante copiava-as de alguns colegas, não respondendo-as por si só.

Neste caso, existem contradições significativas para se considerar a pontuação auto declarada pelo estudante, não há o mínimo de coerência, a não ser que o fato de aprender algo se resume a estar presente em sala e entregar atividades, às vezes respondidas por ele mesmo.

**Imagem 4** – Autoavaliação G. B



**Fonte:** Autoavaliação 3º ano Agroindústria – Matutino

Na imagem 4, temos outro exemplo de resposta que demonstra, em muitos casos, a ideia de que a entrega de atividades é suficiente para o processo de aprendizagem. Perpassando pela ideia de que o estudante é apenas um consumidor de conteúdos, passivo e focado apenas em processos transmissivos, de acordo com a Pedagogia da Dependência. Neste caso, o estudante também se atribuiu a nota máxima.

## 5 CONCLUSÕES

Observou-se que a autoavaliação implementada no ensino médio-técnico deve ser muito orientada para realmente cumprir seus verdadeiros objetivos, uma vez que os estudantes, por serem adolescentes, podem não estar preparados a nível de criticidade e compromisso para responderem ao questionário de maneira fidedigna, maculando assim, a autoavaliação.

Desta forma, a autoavaliação dá margem a diversas interpretações ao ser comparada com o real desempenho docente diante de outras atividades e seu compromisso em sala. Mesmo sendo uma ferramenta pedagógica importante, ela não deve ser a única a ser implementada, principalmente pelo nível de compromisso e discernimento discente. O que leva o docente a ponderar seu uso e resultados obtidos a partir de outros meios avaliativos

É fundamental mencionar que os estudantes que responderam de maneira coerente a autoavaliação foram aqueles que, relacionando os dados com o acompanhamento de outros docentes, possuíam um rendimento acima da média, enquanto que os que responderam de maneira aleatória e vaga, foram os que não apresentavam compromisso com seu próprio rendimento escolar, causa algum tipo de problema em sala e não era assíduos nas aulas nem nas atividades.

Este fato não pode ser desconsiderado e é importante refletir sobre a validação da autoavaliação com relação aos estudantes que ainda não apresentam maturidade e compromisso com seu próprio processo de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

ALVAREZ, M. J. M. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Tradução: Magda Chaves. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BENSON, P. **Teaching and researching autonomy in language learning**. London: Longman, 2001.

COSTA, A. L., KALLICK, B. **Assessment strategies for self-directed learning**. California: Corwin Press. 2004.

EUROPA, C. d. **Quadro europeu comum de referências para as línguas aprendizagem ensino, avaliação**. Porto: Edições Asa. 2001.

LUCKESI. C.C. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática**. 2. Ed. Salvador: Malabares, 2005.

MARXREITER, Vivian Lely Fasolo; BRESOLIN, Graziela Grando; FREIRE, Patricia de Sá. **Autoavaliação: um olhar de inovação para a avaliação da aprendizagem das novas gerações**. P2P & INOVAÇÃO, Rio de Janeiro, v. 7 n. 2, p.46-62, Mar/Ago. 2021.

NORA, Paulo dos Santos; BROIETTI, Fabiele Cristiane Dias; CORRÊA, Nancy Nazareth Gatzke. **A autoavaliação como processo de metacognição na aprendizagem de Química**. UFRPE, Revista Debates em Ensino de Química 7(3), 196-213. 2021.

SORDI, M.R.L. **A prática da avaliação do ensino superior**. São Paulo: Cortez, 1999.

VIEIRA, F. **Autonomia na aprendizagem da língua estrangeira em contexto escolar**. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia. 1998.